



Coordenadoria
do Curso de Letras



Universidade Federal
de São João del-Rei

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
Coordenadoria do Curso de Letras

SOLANGE FORTUNATO TEIXEIRA

ADULTISMO METAFORIZADO NO DISCURSO MIDIÁTICO:
UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS PRESENTES EM VÍDEOS DE CRIANÇAS
NAS REDES SOCIAIS

SÃO JOÃO DEL-REI (MG)
2026

SOLANGE FORTUNATO TEIXEIRA

**ADULTISMO METAFORIZADO NO DISCURSO MIDIÁTICO:
UMA ANÁLISE DE COMENTÁRIOS PRESENTES EM VÍDEOS DE CRIANÇAS
NAS REDES SOCIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenadoria do Curso
de Graduação em Letras, da
Universidade Federal de São João
del-Rei, como requisito parcial à obtenção
do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Natália Elvira
Sperandio

SÃO JOÃO DEL-REI (MG)
2026

“Educar é realizar a mais bela e complexa arte da inteligência. Educar é acreditar na vida e ter esperança no futuro.” (Augusto Cury)

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, por me conceder a vida, por me fortalecer nos momentos de incerteza e por me permitir chegar até aqui sem desistir. Foi Ele quem iluminou meu caminho e me sustentou quando pensei que não teria forças para continuar.

Aos meus pais, Sônia e Paulo, que são meu porto seguro e minha maior inspiração. Obrigada pelo amor, pela dedicação e por acreditarem em mim mesmo quando eu duvidava. Cada conquista minha é também de vocês.

Ao meu marido William, companheiro de todas as horas, agradeço pelo apoio, paciência e força ao longo destes anos.

Aos meus irmãos, agradeço pelo incentivo e pela presença que me fortaleceram nesta caminhada.

À minha orientadora, pela disponibilidade, paciência, pela sabedoria e pelo apoio constante. Sua orientação foi fundamental para que este trabalho se tornasse realidade.

Às amigas que construí ao longo desses anos, que tornaram a jornada mais leve e divertida. Em especial, agradeço à Gisele, à Lavínia e à Neuci, por cada palavra de incentivo, por cada sorriso e por cada momento de companheirismo. Ao Curso de Letras, discentes, docentes e servidores, que trabalham com tanto amor.

À UFSJ, de forma geral, por todas as oportunidades durante esses anos da minha graduação.

RESUMO

Este trabalho analisa como o adultismo se manifesta e é metaforizado no discurso midiático, especialmente em comentários direcionados a crianças nas redes sociais. A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos da Linguística Cognitiva, com destaque para os estudos sobre metáforas conceituais e metáforas multimodais desenvolvidos por Lakoff e Johnson (1999), Ferrari (2011), Sperandio e Assunção (2011) e Sperandio (2014, 2015, 2020). O objetivo geral consiste em analisar como o adultismo se manifesta por meio de metáforas presentes em comentários publicados em imagens de vídeos curtos de crianças nas plataformas digitais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, baseada na identificação e análise de metáforas em comentários extraídos de vídeos publicados nas redes sociais TikTok, Instagram e Kwai. Os resultados evidenciam a recorrência de metáforas conceituais como CRIANÇA É ADULTO, CRIANÇA É MULHER SEXUALIZADA, CRIANÇA É GENTE GRANDE, CRIANÇA É SENHORA, CRIANÇA É BLOGUEIRA e MENINO É HOMEM. Essas metáforas revelam características associadas ao mundo adulto sobre crianças, contribuindo para processos de adultização e, em alguns casos, de sexualização precoce. Conclui-se que as metáforas desempenham papel fundamental na construção social da infância, influenciando a forma como crianças são percebidas e representadas no ambiente digital.

Palavras-chave: Adultismo; Adultização infantil; Metáfora conceitual; Linguística cognitiva; Redes sociais.

Lista de Figuras

Figura 1.....	14
Figura 2.....	15
Figura 3.....	17
Figura 4.....	22
Figura 5.....	22
Figura 6 - Comentários em vídeo da Kamylinha dançando (16 anos).....	27
Figura 7 - Comentários sobre Mc Melody (10 anos).....	29
Figura 8 - Comentário em vídeo da Maria Flor colorindo (2 anos).....	31
Figura 9 - Comentário no vídeo da Maria Flor (2 anos).....	33
Figura 10 - Comentário no vídeo da Virgínia e suas filhas.....	35
Figura 11 - Comentário no vídeo de Maria Júlia (6 anos).....	36
Figura 12 - Comentário no vídeo de Hariel (2 anos).....	38

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Mapeamento de CRIANÇA É MULHER SEXUALIZADA.....	28
Quadro 2 - Mapeamento de CRIANÇA É ANÃO.....	28
Quadro 3 - Mapeamento de CRIANÇA É AVANÇADA.....	30
Quadro 4 - Mapeamento de CRIANÇA É ADULTO.....	31
Quadro 5 - Mapeamento de CRIANÇA É SER INOCENTE.....	32
Quadro 6 - Mapeamento de IDADE É TAMANHO.....	33
Quadro 7 - Mapeamento de CRIANÇA É SENHORA.....	34
Quadro 8 - Mapeamento de CRIANÇA É BLOGUEIRA.....	36
Quadro 9 - Mapeamento de CRIANÇA É GENTE GRANDE.....	37
Quadro 10 - Mapeamento de CRIANÇA É ADULTA MIRIM.....	38
Quadro 11 - Mapeamento de MENINO É HOMEM.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METÁFORAS SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	11
2.1 O que é a Linguística Cognitiva?.....	11
2.2 O conceito de metáfora na Linguística Cognitiva.....	12
3 ADULTIZAÇÃO NAS REDES SOCIAIS.....	16
3.1 Concepções de infância ao longo do tempo.....	16
3.2 Conceito de Adultismo e Adultização.....	20
3.3 Proteção legal das crianças no Brasil.....	24
4 METODOLOGIA.....	26
5 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS: MANIFESTAÇÕES DE ADULTISMO METAFORIZADO.....	27
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
7 REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

O adultismo é uma prática em que crianças e adolescentes passam a se comportar como adultos. Em muitos contextos culturais, as crianças são frequentemente retratadas de maneira adultizada, seja pela forma de vestir ou de agir, o que contribui para a normalização de comportamentos inadequados e da sexualização precoce. Um exemplo disso é o romance *Lolita*, do escritor Vladimir Nabokov, que gerou opiniões divergentes por conta da representação controversa do abuso sexual infantil. Da mesma maneira, o filme *A Lagoa Azul* apresenta atores ainda adolescentes em situações de forte apelo sensual, o que foi bastante problemático na época. Por outro lado, o filme *Pequena Miss Sunshine* critica a pressão e os padrões impostos às crianças em concursos de beleza. Essas obras mostram como a sociedade muitas vezes projeta comportamentos adultos sobre as crianças, evidenciando a importância de combater o adultismo e promover uma infância mais respeitada e protegida.

No mundo atual, crianças e adolescentes estão cada vez mais presentes nas mídias sociais, muitas vezes exercendo práticas de adultização, o que pode ser observado principalmente no ambiente digital. Em plataformas como Instagram, TikTok e Kwai, é comum vermos vídeos e imagens, principalmente de meninas, fazendo *trends* provocantes, danças sensuais e usando roupas, maquiagens e acessórios que remetem a padrões adultos. Em 2025, esse processo ganhou visibilidade após denúncias feitas pelo influenciador Felca, que expôs casos de adultização de crianças e adolescentes em plataformas digitais. Somente depois disso foi publicada a Lei nº 15.211, de 17 de setembro de 2025, que obrigou as plataformas digitais a exercerem controle sobre a idade de quem acessa e sobre os conteúdos publicados.

Diante da relevância do tema e considerando os princípios estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), este trabalho busca responder à seguinte pergunta: quais metáforas conceituais podem ser identificadas em comentários presentes em vídeos de meninas que revelam adultização infantil? O objetivo geral desta pesquisa é analisar como o adultismo se manifesta por meio de metáforas em comentários presentes em vídeos curtos de crianças e adolescentes na mídia digital. Os objetivos específicos são: 1. Identificar as principais metáforas

utilizadas em comentários de vídeos curtos produzidos por crianças nas redes sociais; 2. Discutir como essas metáforas refletem comportamentos adultos em crianças; 3. Abordar os efeitos sociais dessas metáforas no imaginário coletivo.

Este trabalho de conclusão de curso possui um capítulo sobre as teorias da Linguística Cognitiva, outro capítulo sobre a adultização e, por último, as metodologias de pesquisa e a análise. Para isso, foi essencial a leitura de artigos e livros sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, com base nos principais autores: Chiavegatto (2009), Ferrari (2011), Lakoff & Johnson (2002), Sperandio e Assunção (2011), Sperandio (2014, 2015, 2020). Além disso, para falar sobre as concepções de infância ao longo do tempo, as principais referências consultadas foram Postman (1999), Sarmiento (2003) e Buckingham (2006). Para tratar da adultização, recorreremos a Weber e Maffezzoli (2016), Sampaio, Carvalho, Nascimento e Ferreira (2022), Martins (2019) e Prestes e Felipe (2015).

Defende-se a hipótese de que as metáforas são fundamentais na construção da infância, podendo influenciar a forma como as crianças são adultizadas no ambiente digital. Sendo assim, este trabalho justifica-se pela necessidade de discutir a proteção de crianças e adolescentes no ambiente digital, refletindo sobre como as metáforas podem ser inseridas nos comentários e evidenciar casos de adultização. Portanto, a escolha da metáfora como objeto de análise justifica-se pelo fato de que, na Linguística Cognitiva, ela é entendida como uma forma de pensar e interpretar a realidade.

Assim, a análise dos comentários permite identificar as características do mundo adulto e como elas são inseridas na infância, revelando processos de adultização. Esta pesquisa possui caráter qualitativo e analisa metáforas conceituais e multimodais presentes em comentários publicados em vídeos curtos de crianças e adolescentes nas plataformas TikTok, Instagram e Kwai. Foram utilizados os procedimentos de análise propostos por Forceville (2009), discutidos por Sperandio (2015). Os resultados evidenciaram metáforas como: CRIANÇA É ADULTO, CRIANÇA É MULHER SEXUALIZADA, CRIANÇA É GENTE GRANDE e MENINO É HOMEM, demonstrando que crianças são frequentemente interpretadas a partir de características associadas à maturidade, à sexualidade e aos papéis sociais adultos.

2 METÁFORAS SOB A ÓTICA DA LINGUÍSTICA COGNITIVA

2.1 O que é a Linguística Cognitiva?

De acordo com Lilian Ferrari (2011), no livro *Introdução à Linguística Cognitiva*, a área da Linguística Cognitiva (LC) estuda como a linguagem reflete a forma como pensamos, percebemos e entendemos o mundo. Partindo dessa ideia, para compreendermos melhor esse campo de estudos, ressalta-se uma linha cronológica com as principais pesquisas linguísticas que antecederam e influenciaram a Linguística Cognitiva, com base nos estudos de Valeria Coelho Chiavegatto (2009).

Nesse sentido, primeiramente, Chiavegatto (2009) cita a publicação do livro *Curso de Linguística Geral*, em 1916, de Louis Ferdinand de Saussure, que determinou um modelo científico para a construção de análises sobre as línguas. Depois disso, a autora destaca o surgimento do Estruturalismo, corrente de estudos linguísticos que se estendeu por todo o século XX e marcou a autonomia da Linguística diante das outras ciências humanas modernas, como a Antropologia, a História e a Sociologia. Em 1921, o antropólogo Edward Sapir afirmou a relação entre língua e falantes e, a partir daí, os estudos descritivos da linguagem deram lugar às pesquisas que consideravam a cultura dos povos, e não somente a estrutura.

Ademais, Chiavegatto (2009) ressalta o trabalho de Noam Chomsky (1957), fundador do Gerativismo, que defendia a ideia de que a linguagem podia ser descrita de forma abstrata e formal, opondo competência e desempenho linguístico. Anos depois, Goffman (1967) enfatiza a ideia de *frames* de interação, que agregou muito aos fundamentos da LC. Na década de 1980, a pesquisadora explica que surge o Funcionalismo, o qual estudava o uso real da língua no contexto comunicativo, “[...] tratando a língua como uma estrutura maleável que se adapta, continuamente, às necessidades de expressão de pensamentos e interação entre os homens [...]” (Chiavegatto, 2009, p. 81).

Posteriormente, o Funcionalismo se divide em duas vertentes, sendo que uma delas teve como foco a relação entre pensamento e linguagem, originando as bases da chamada Linguística Cognitiva (LC). De acordo com Ferrari (2011), os principais representantes dessa nova área de pesquisas foram estudiosos da

Semântica Gerativa, são eles: George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore e Gilles Fauconnier. Com o passar do tempo, outros autores também contribuíram para a linguística cognitiva, inclusive alguns brasileiros, como Lilian Ferrari.

Ferrari (2011) explica que a LC prioriza a semântica da língua, entendendo a relação entre forma e significado mediada pela cognição. Dessa forma, o foco das pesquisas cognitivistas são “os processos de construção de significados nas interações linguísticas [...]” (Chiavegatto, 2009, p. 84). É importante destacar também que a LC não vê a língua como sistema autônomo, mas sim como um processo de transmissão e organização de conhecimento semântico-pragmático. Nesse sentido, torna-se relevante a seguinte citação:

[...] a LC concebe o significado como construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais. Trata-se, portanto, de estabelecer uma semântica cognitiva, a qual sugere uma visão enciclopédica do significado linguístico, em contraste com a visão de dicionário tradicionalmente adotada nos estudos semânticos. (Ferrari, 2011, p.15).

Diante disso, pode-se afirmar que a Linguística Cognitiva deixa clara a importância do contexto para a construção dos significados, indo além de uma abordagem estruturalista que prioriza apenas a forma linguística. Na LC, todas as experiências corporais e com o ambiente contribuem para o sentido, sendo assim a língua não é a única produtora de sentidos. Face a isso, apresenta-se o conceito de metáfora dentro da perspectiva da LC.

2.2 O conceito de metáfora na Linguística Cognitiva

Geralmente, quando se pensa no conceito de “metáfora”, associa-se à figura de linguagem que tem como objetivo a transferência do significado de uma palavra para outra, comparando as expressões. Exemplos disso são frases do tipo “Fernando é um leão” e “A vida é um rio”. Para além de ser uma figura de linguagem, Ferrari (2011, p. 92) explica que, na Linguística Cognitiva, a noção de metáfora é ampliada, passando a ser conceituada da seguinte forma: “[...] a metáfora é, essencialmente, um mecanismo que envolve a conceptualização de um domínio de experiência em termos de outros [...]”. Dessa forma, a metáfora nada mais é do que explicar uma coisa em termos de outra.

A obra *Metáforas da Vida Cotidiana*, de Lakoff e Johnson (1999), é essencial para ampliar a noção de metáfora e introduzir a ideia de “metáforas conceptuais” como um mecanismo do cérebro para compreender o mundo pela experiência e pela linguagem. Para esses autores, a metáfora utiliza conhecimentos e entendimentos que já possuímos para criar novos sentidos ou novas maneiras de pensar e agir. Nesse sentido, Sperandio e Assunção (2011) enfatizam que a metáfora está sempre presente em nossa visão de mundo, uma vez que ela faz parte do nosso dia a dia e nos ajuda a compreender nossas expressões emocionais e as ideias de tempo, espaço e ação.

Dessa forma, Sperandio e Assunção (2011) destacam a ideia de “filosofia corporificada”, que parte do princípio de que os significados são construídos a partir do nosso sistema sensorio-motor, de modo que nós só compreendemos a realidade a partir do contato com o meio, manipulando os objetos e movimentando-nos. Por isso, na Linguística Cognitiva, há uma integração entre corpo e mente, sendo a mente corporificada e os pensamentos abstratos, de onde surgem as metáforas. Como exemplo, temos a frase “Joana está muito atrás nesse assunto”, que pode ser entendida a partir da ideia de movimento: tudo o que está atrás está atrasado ou já passou.

À luz dessas concepções, é preciso ressaltar que as metáforas conceptuais consistem na relação simultânea entre um domínio-fonte, “fonte de inferências” (Sperandio e Assunção, 2011, p. 4), e um domínio-alvo, “o local de acordo com o qual as inferências serão aplicadas” (Sperandio e Assunção, 2011, p. 4). Nesse sentido, o domínio-fonte é algo mais concreto que ajuda a compreender o domínio-alvo, que é mais abstrato. Um exemplo disso é a expressão “Discussão é guerra”, explicando que:

Figura 1



Fonte: Sperandio e Assunção (2011, p.4)

Essa metáfora conceitual nos ajuda a compreender melhor o sentido abstrato de “discussão” a partir de sua corporificação no domínio-fonte “guerra”. Assim, podemos entender a discussão como uma guerra, uma disputa.

Sperandio (2020) continua essa discussão e cita Kövecses (2002), autor que fala sobre a ideia de “mapeamento parcial”. Segundo ele, a metáfora pressupõe a ocultação, pois focaliza apenas uma parte dos domínios, ou seja, apenas uma parte do domínio-fonte é mapeada ao domínio-alvo, e apenas uma parte do domínio-alvo é mapeada pelo domínio fonte. Como exemplo, temos o quadro abaixo:

Figura 2

Quadro 1 - Análise da TNM da metáfora AMOR É UMA VIAGEM

Metáfora: AMOR É UMA VIAGEM	
Domínio fonte: Viagem	
Domínio alvo: Amor	
Mapeamento	
Viajantes →	Amantes
Veículo →	Relacionamento
Destinações →	Objetivos de vida
Impedimentos para o movimento →	Dificuldades
Mapeamento Evoca:	
A Metáfora PROPOSTAS SÃO DESTINAÇÕES, com:	
Destinos = Ego. Fonte. Destinações	
Propostas = Ego. Alvo. Objetivos de vida	
A Metáfora DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS PARA O MOVIMENTO, com:	
Impedimentos para o movimento = Ego. Fonte. Impedimento para movimento.	
Dificuldades = Ego. ALVO. Dificuldades.	
A Metáfora INTIMIDADE É PROXIMIDADE, com:	
Proximidade = Ego. Fonte. Proximidade dos Viajantes dentro do Veículo.	
Intimidade = Ego. Alvo. Intimidade dos Amantes.	
A Metáfora UMA RELAÇÃO É UM CONTÊINER, com:	
Contêiner = Ego. Fonte. Veículo	
Relacionamento = Ego. Alvo. Relacionamento.	

Fonte: Sperandio (2010).

Fonte: Sperandio (2020, p.8)

Para este trabalho, que analisa comentários presentes em vídeos do TikTok, é importante ressaltar também o conceito de *metáforas multimodais*, discutido por Sperandio (2014, 2015). Essa autora explica que a proposta da metáfora multimodal é de Forceville (2009), estudioso que critica a Teoria da Metáfora Conceitual, de Lakoff e Johnson (1999), pois ela ignora a ocorrência das metáforas em outros modos além do verbal. De acordo com Forceville (2009), os modos estão relacionados aos sentidos humanos, podendo ser classificados em nove modos: “1) signo pictórico, 2) signo escrito, 3) signo falado, 4) gestos, 5) sons, 6) música, 7) cheiro, 8) gosto e 9) toque” (Sperandio, 2014, p.43).

Assim, existem as metáforas monomodais e as metáforas multimodais. Sperandio (2015, p.21) conceitua a metáfora multimodal da seguinte forma: “[...] a metáfora multimodal é aquela em que alvo e fonte são representados exclusivamente ou predominantemente sobre diferentes modos [...]”. Sperandio (2014) vai além da proposta de Forceville (2009), evidenciando que há uma articulação de modos semióticos diversos, não se limitando às metáforas multimodais do tipo verbo-visual, o que amplia assim o conceito apresentado pelo pesquisador.

No caso dos comentários presentes em vídeos que vamos analisar, há uma pretensão de apresentar vários modos unidos, para além do modo apenas verbal ou visual. Pode ocorrer a integração dos modos escrito, visual e sonoro. Isso, de acordo com Sperandio (2014), é mais impactante sobre os espectadores do que as metáforas monomodais.

3 ADULTIZAÇÃO NAS REDES SOCIAIS

3.1 Concepções de infância ao longo do tempo

Para falar de adultização, precisamos definir o que entendemos por infância. Os teóricos da área da sociologia da infância tendem a encarar tal período de desenvolvimento não apenas como uma fase biológica, mas como um artefato social construído historicamente. Com base nessa visão, Neil Postman (1999), no livro “*O Desaparecimento da Infância*”, discute o surgimento e o fim da concepção de infância, tomando como base principalmente as ideias de Philippe Àries, autor da

clássica obra “História Social da Criança e da Família”. Nesse viés, não se trata do desaparecimento das crianças em si, mas sim de uma visão sobre a infância.

Postman (1999) traça um percurso histórico sobre a infância. De acordo com ele, na Grécia Antiga, a população não considerava a infância como categoria etária especial e, de acordo com Lloise de Mause, os pais e mães não possuíam uma configuração psíquica necessária para ter empatia pelas crianças. Na Idade Média, a infância continua sendo uma categoria invisível, de modo que não havia distinção entre adultos e crianças a partir dos sete anos de idade: eles conviviam juntos, e as vestimentas, a linguagem e os comportamentos eram os mesmos. O autor ressalta que, como não havia a ideia de vergonha, era natural as crianças presenciarem cenas de sexo e de violência. Exemplos disso são os quadros do pintor medieval Pieter Bruegel, citado por Postman (1999), em que não há grandes distinções na representação de adultos e de crianças. Em geral, todos aparecem infantilizados, como se nota na pintura “Jogos Infantis”:

Figura 3



Fonte: Pieter Bruegel, o Velho, *Jogos Infantis*, 1560, Museu de História da Arte, Viena, Áustria¹

O século XVI, por sua vez, marca o surgimento de uma concepção de idade adulta distinta da infância. O estudioso explica que isso se deve à invenção da

¹ Disponível em:

https://www-dailyartmagazine-com.translate.goog/pieter-bruegels-childrens-games/?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: jun.2026.

imprensa e consequentemente da comunicação baseada na palavra escrita, o que gerou uma separação entre adultos, que sabiam ler, e crianças, que ainda não sabiam ler e não podiam acessar as informações escritas. Essa separação se consolidou ao longo dos séculos XVI e XVII, quando se começou a acreditar que as crianças de classe média e alta precisavam ser civilizadas e, para isso, a escola teria papel fundamental de regular seus corpos.

No século XVIII, o pesquisador afirma que a infância foi uma categoria social negligenciada, mas não chegou a desaparecer. Com a Revolução Industrial na Inglaterra, as crianças foram utilizadas como mão de obra nas fábricas, seguindo a mesma rotina de um adulto. No século XIX, por outro lado, algumas ideias de filósofos iluministas sobre as crianças começaram a ser divulgadas: John Locke, por exemplo, pregava que a mente da criança era uma tábula rasa; já Rousseau defendia que as crianças eram as que mais se aproximavam do “estado de natureza”. Postman (1999) também sinaliza que, no final desse século, outros autores, como John Dewey e Jean Piaget, começam a tratar da infância como um universo distinto do universo adulto, o que se refletiu em maior proteção e afeto às crianças.

Entretanto, o autor defende que no século XX, principalmente a partir do ano 1950, a infância como “categoria social e condição psíquica específica” começou a desaparecer. Segundo ele, o principal motivo para isso foi a disseminação de meios de comunicação, principalmente a televisão, que tornaram mais fácil acessar as informações. Com a “revolução gráfica”, as imagens passaram a ser mais divulgadas que a palavra escrita e, assim, as crianças não mais precisavam saber ler para acessar as informações. Logo, adultos e crianças começaram a consumir os mesmos conteúdos, sendo expostos, indistintamente, a cenas de sexo, de violência e a detalhes sobre doenças e mortes. A ideia de vergonha acaba. Nesse viés, se “[...] um grupo é definido em grande parte pela exclusividade da informação que seus membros compartilham” (Postman, 1999, p.55), adultos e crianças passam a pertencer a um mesmo grupo.

Para o escritor, surgem crianças adultas e adultos crianças. Adultos-crianças são aqueles que perderam as características principais da fase adulta, como as capacidades de autocontrole, de adiamento da satisfação, de pensamento lógico, da preocupação com o futuro e a valorização da razão e da ordem hierárquica. Já as crianças-adultas, vistas com frequência na mídia, são adultos em miniatura,

adotando as mesmas vestimentas e linguagem de adultos. (Postman, 1999). O autor exemplifica isso com dados sobre o aumento da criminalidade infantil e a erotização precoce. Apesar de não ser muito otimista, Neil Postman apresenta como solução possível a isso o controle parental sobre o acesso dos filhos à mídia, seja limitando o tempo de exposição à tela, seja monitorando aquilo a que as crianças estão expostas.

Em artigo sobre o tema, Weber e Maffezzolli (2016) argumentam que autores mais recentes têm revisto a obra de Postman (1999) e criticado sua tese de desaparecimento da infância. Manuel Sarmiento (2003), por exemplo, defende que a infância não morreu, uma vez que as crianças ainda ocupam uma categoria social específica², mas talvez a ideia idealizada de infância esteja acabando. Para esse pesquisador, na segunda modernidade, a sociedade tem passado por uma série de mudanças que impactam a concepção de infância. Uma delas é a transformação na estrutura das famílias, como a monoparentalidade e famílias menores, sendo a família um local onde a criança pode tanto receber acolhimento como maus-tratos.

Além disso, há maior presença das crianças na economia, principalmente como consumidoras, com produtos exclusivamente voltados para elas. Outra mudança é a maior interação das crianças com as redes de informática, como pelos jogos virtuais e, mais atualmente, pelas redes sociais. Também podemos observar hoje um declínio das brincadeiras infantis, principalmente da confecção dos próprios brinquedos, e um maior convívio das crianças com os adultos e idosos, uma vez que hoje as famílias são menores e, às vezes, os filhos menores não possuem irmãos ou primos da mesma faixa etária, sendo talvez mais controlados pelos adultos. Diante disso, Sarmiento (2003) fala em “reinstitutionalização da infância”:

[...]. Contrariamente à proclamada “morte da infância”, o que a contemporaneidade tem aportado é a pluralização dos modos de ser criança, a heterogeneização da infância enquanto categoria social geracional e o investimento das crianças com novos papéis e estatutos sociais. (Sarmiento, 2003, p.1).

De forma semelhante, David Buckingham (2006), no livro “Crescer na Era das Mídias”, também critica a tese de Postman (1999), considerando-a moralista ao

² O autor menciona quatro eixos que caracterizam as culturas da infância: interatividade (a criança forma sua identidade com o contato com outras crianças ou adultos); ludicidade (a cultura do brincar é fundamental para a criança); fantasia do real (a imaginação ajuda as crianças a lidarem com o real); e reinteração (tempo recursivo da criança).

enxergar as crianças como vítimas assujeitadas. Além disso, Buckingham (2006) também critica o fato de que as definições de infância sempre se fizeram por exclusão, ou seja, ser criança era não ser adulto. Por isso, inclusive, surge primeiro a ideia de fase adulta e depois a ideia de infância. Ou seja, os parâmetros para conceber a infância foram sempre parâmetros do mundo adulto, afinal são os adultos que estabelecem os tipos de comportamentos apropriados e aceitáveis para as crianças. E, muitas vezes, isso é feito com base em uma noção nostálgica que os adultos têm da infância, criando visões romantizadas das crianças.

Em resumo, esse estudioso e demais autores mais atuais da área da sociologia da infância parecem concordar com a ideia de que não existe uma única forma de ser criança e de que a infância não morreu, mas está passando por um processo de mudanças importantes, configurando o que Buckingham (2006) chama de “infâncias midiáticas”. Apesar de muito interessantes, não é nosso foco explorar essas considerações, afinal a própria ideia de “adultização”, defendida neste trabalho, pressupõe uma concepção mais romantizada de infância.

3.2 Conceito de Adultismo e Adultização

De acordo com as estudiosas Weber e Maffezzolli (2016, p.7),

[...] Adultizar é incentivar a inserção extrema da criança em contextos não relacionados à infância. Crianças com muitos compromissos e responsabilidades, assim como crianças preocupadas com cuidados com o corpo e aparência são um reflexo destes estímulos.

Dessa forma, podemos entender que “adultização” é a ação desempenhada pela criança de aderir a comportamentos do universo adulto. “Adultismo”, por sua vez, é o conceito que designa tal ação³. O resultado disso é a formação de adultos em miniatura. Vale ressaltar que esse fenômeno não é atual, pois, conforme o percurso histórico mencionado anteriormente, tivemos casos de adultização na Idade Média, com crianças desconsideradas em suas particularidades, e na Revolução Industrial, com as crianças trabalhadoras. Apesar disso, concordamos com Postman (1999) ao afirmar que isso pode ter sido potencializado após o

³ Neste trabalho, adotamos os dois termos como sinônimos.

surgimento da televisão, devido à forma como as crianças passaram a ser representadas em propagandas, filmes e programas de TV:

[...]. Quero dizer que quando são mostradas são representadas como adultos em miniatura, à maneira das pinturas dos séculos treze e quatorze. Poderíamos chamar esta condição de Fenômeno Gary Coleman; com isso quero dizer que um espectador atento das comédias de costumes das novelas ou de qualquer outro formato popular da TV notará que as crianças de tais programas não diferem significativamente em seus interesses, na linguagem, nas roupas ou na sexualidade dos adultos dos mesmos programas. Dito isto, tenho que reconhecer que as artes populares raramente retratam crianças de maneira autêntica. [...]. (Postman, 1999, p.79)

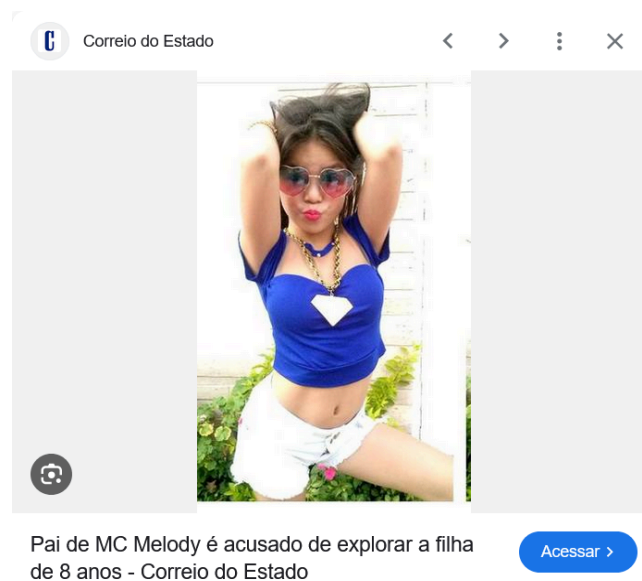
Se isso já acontecia com a televisão, o que dizer agora com a internet e a exposição massiva de crianças em redes sociais? No ano passado, essa questão ficou em alta no Brasil após o influenciador Felca publicar um vídeo⁴ criticando a exposição inadequada de crianças e adolescentes nas plataformas digitais, incentivados muitas vezes pela própria família. No vídeo, Felca denuncia desde a adultização de crianças por meio de fotos e dancinhas sensuais até casos criminosos de compartilhamento e armazenamento de pornografia infantil.

Com base no artigo de Sampaio, Carvalho, Nascimento e Ferreira (2022), podemos dizer que a adultização tem sido potencializada com o advento da internet. Até o ano passado⁵, por exemplo, não havia restrição de idade para acesso a diferentes plataformas digitais nem controle do conteúdo que era postado nesses ambientes. Assim, era comum (e ainda é comum) observar *influencers* crianças, meninas blogueiras e modelos mirins cuja linguagem, roupas e referências musicais e culturais pertencem ao universo adulto. Exemplos emblemáticos no Brasil são os casos da cantora Mc Melody, que ficou famosa ainda na infância, e, mais recentemente, das filhas da influenciadora Virgínia, a qual posta o cotidiano das crianças nas redes sociais:

⁴ Disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=FpsCzFGL1LE> . Acesso em: mar.2026.

⁵ Este ano de 2026 o ECA Digital já está em vigor, mas ainda assim casos semelhantes acontecem.

Figura 4



Fonte: Jornal Correio do Estado, 2015⁶

Figura 5



Fonte: Revista "Quem Globo", 2025⁷

⁶ Disponível em:

<https://correiodoestado.com.br/correio-b/pai-de-mc-melody-e-acusado-de-explorar-a-filha-de-8-anos/244671/> . Acesso em: jun.2026.

⁷ Disponível em:

<https://revistaquem.globo.com/noticias/filhos-dos-famosos/noticia/2025/04/virginia-fonseca-defende-e-xposicao-dos-filhos-com-ze-felipe-vao-ter-que-me-seguir.ghtml> . Acesso em: jun.2026

Para os autores desse artigo, a adultização nas redes pode acarretar também erotização e pedofilização infantil (Jane Felipe, 2008), isto é, a criança pode acabar reproduzindo poses, roupas ou contextos que sugerem sexualização. Devido ao consumo irrestrito de conteúdos sensuais e sexuais nas redes sociais, impulsionadas por influenciadores e celebridades, as crianças naturalizam, talvez ingenuamente, tais padrões de comportamento. No tocante a isso, Renata Martins (2019) assevera:

[...] a mídia explora a imagem da infância promovendo e incentivando a erotização e a sexualidade precoce ao transformar as crianças em adultos em miniatura, utilizando-se muitas vezes de elementos do imaginário infantil no convencimento para o consumo (Martins, 2019, p.61).

De maneira correlata e talvez mais grave, notam-se na internet algumas crianças consumindo conteúdos impróprios, como cenas de sexo e de violência, e até mesmo produzindo esse tipo de conteúdos. Essa erotização da criança por adultos no contexto digital, por sua vez, cria um ambiente que pode facilitar ou alimentar interesses de pessoas com pedofilia, distúrbio mental classificado como a atração sexual de adultos por crianças⁸. Para Prestes e Felipe (2015), a pedofilia sempre esteve presente na humanidade, mas essa prática social está tendo mais destaque nesta era digital, pois a internet se tornou mais acessível a crianças e adolescentes, sendo assim também um fator primordial para a organização anônima de grupos de pedófilos. Isso ocorre porque adultos e crianças passaram a frequentar o mesmo ambiente virtual e a trocar informações.

Diante dessas teorizações, neste trabalho, damos enfoque à adultização infantil no contexto das redes sociais. Dessa forma, selecionamos comentários presentes em vídeos da plataforma *TikTok* nos quais meninas reproduzem *trends* que as incentivam a cuidar da aparência, transformando-as em mini-adultos no seu modo de vestir, de se maquiar e de se comportar. Com isso, buscamos ressaltar o quanto prejudicial é a prática do adultismo, uma vez que ela antecipa aspectos do mundo adulto para crianças e adolescentes que não têm maturidade e desenvolvimento psicológico suficientes para assimilar essas informações.

⁸ Neste trabalho, não objetivamos tratar de crimes como pedofilia e distribuição de pornografia infantil, mas não podemos deixar de mencioná-los.

3.3 Proteção legal das crianças no Brasil

Apesar dos perigos que ameaçam as crianças, há leis que as protegem. Para falar sobre isso, começamos pela própria constituição do país. Martins (2019) salienta que a Constituição Federal de 1988 é um marco primordial na conquista de direitos para as crianças e adolescentes, uma vez que esta legislação menciona-os como sujeitos titulares de direitos. Posteriormente a isso, a autora enfatiza que foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei de número 8.069/90, legislação que garante a proteção integral de crianças e adolescentes no Brasil. Destacam-se alguns artigos desta lei:

Art. 5º Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais. (BRASIL, 1990, p.2)

Art. 240. Produzir, reproduzir, dirigir, fotografar, filmar ou registrar, por qualquer meio, cena de sexo explícito ou pornográfica, envolvendo criança ou adolescente: Pena – reclusão, de 4 (quatro) a 8 (oito) anos, e multa. [...]. (BRASIL, 2008, p.54)

Art. 244-A. Submeter criança ou adolescente, como tais definidos no caput do art. 2º desta Lei, à prostituição ou à exploração sexual: [...]. (BRASIL, 2000, p.55)

Prestes e Felipe (2015) ressaltam que, no início, o ECA não era capaz de criminalizar a pedofilia nas plataformas digitais, mas, com a alteração na lei em 2008, o Estatuto passou a aprimorar o combate à distribuição de pornografia infantil na internet. Mais recentemente, depois da viralização do vídeo do influenciador Felca, foi promulgada a Lei número 15.211, de 17 de setembro de 2025, conhecida como “Lei Felca” ou “Estatuto Digital da Criança e do Adolescente”, que assegura a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais. Essa lei implica a regulamentação do acesso a algumas plataformas digitais, limitando a idade dos usuários e o tipo de conteúdo que acessam. A exemplo disso, seguem alguns artigos dessa legislação:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção de crianças e de adolescentes em ambientes digitais e aplica-se a todo produto ou serviço de tecnologia da informação direcionado a crianças e a adolescentes no País ou de acesso provável por eles, independentemente de sua localização, desenvolvimento, fabricação, oferta, comercialização e operação. (BRASIL, 2025, p.1)

Art. 10. Os fornecedores de produtos ou serviços de tecnologia da informação direcionados a crianças e a adolescentes ou de acesso provável por eles deverão adotar mecanismos para proporcionar experiências adequadas à idade, nos termos deste Capítulo, respeitadas a autonomia progressiva e a diversidade de contextos socioeconômicos brasileiros. (BRASIL, 2025, p.5)

Art. 24. No âmbito de seus serviços, os provedores de produtos ou serviços direcionados a crianças e a adolescentes ou de acesso provável por eles deverão garantir que usuários ou contas de crianças e de adolescentes de até 16 (dezesesseis) anos de idade estejam vinculados ao usuário ou à conta de um de seus responsáveis legais. (BRASIL, 2025, p.9)

Apesar de todos esses avanços no aparato legal brasileiro, acreditamos que o efetivo combate à adultização precisa de uma ação conjunta entre escolas e famílias, instituições sociais que, segundo Postman (1999), são as que mais defendem a infância. Buckingham (2006), porém, esclarece que não se trata de tentar isolar as crianças e adolescentes do universo digital, pois:

[...]. A tentativa de proteger as crianças restringindo o acesso às mídias está destinada ao fracasso. Ao contrário, precisamos agora prestar muito mais atenção em como preparar as crianças para lidar com essas experiências; e, ao fazê-lo, temos de parar de defini-las simplesmente em termos do que lhes falta. (Buckingham, 2006, p.17)

Como preconiza o autor, é preciso ensinar essa geração digital a usar a tecnologia de forma crítica e ética. Para isso, consideramos imprescindível que as escolas desenvolvam o letramento digital nas salas de aula, principalmente nas aulas de linguagens e códigos. Enfatizamos o papel da escola nesse processo porque sabemos que em nosso país a educação digital é inacessível a uma considerável parcela de famílias, que sequer imagina os perigos e crimes presentes nas redes sociais e, dessa forma, não pode fornecer uma visão crítica aos filhos sobre tais conteúdos digitais.

4 METODOLOGIA

Neste trabalho, utiliza-se uma metodologia de pesquisa qualitativa que consiste na identificação de metáforas conceptuais presentes em comentários de vídeos curtos protagonizados por crianças e adolescentes nas plataformas *TikTok*, *Kawai* e *Instagram*. Serão buscadas, principalmente, metáforas que remetem à erotização precoce, à exposição de crianças nas redes sociais e à reprodução de comportamentos adultos por crianças nas por meio de *trends* famosas no mundo digital, evidenciando possível adultização.

Para isso, inicialmente contextualizamos o conteúdo dos vídeos e os modos semióticos mobilizados, e, posteriormente, analisamos os comentários presentes nesses vídeos, buscando identificar possíveis metáforas conceptuais presentes neles. Utilizamos as etapas de análise de metáforas propostas por Forceville (2009), com base em Black (1993), são elas:

- a) quais são os dois termos de uma metáfora, ou seja, seus domínios fonte e alvo, b) qual desses termos será considerado seu domínio-fonte e domínio-alvo, e c) quais traços são projetados do domínio-fonte ao domínio-alvo. (Sperandio, 2015, p.16)

Além disso, tomamos como base os conceitos e ideias propostos por Sperandio (2012, 2014, 2015, 2020), em trabalhos que analisam charges em movimento, anúncios e imagens variadas.

5 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS: MANIFESTAÇÕES DE ADULTISMO METAFORIZADO

Figura 6 - Comentários em vídeo da Kamylinha dançando (16 anos)



Fonte: Kwai⁹

No primeiro exemplo, temos a imagem de um vídeo curto da Kamylinha dançando, disponível na plataforma *Kwai*. Para contextualizar, é importante destacar que Kamylinha é hoje uma influenciadora digital brasileira, conhecida por seus vídeos de dança e pelos conteúdos diversos produzidos por Hytalo Santos. A situação dessa adolescente foi citada no vídeo de Felca e culminou na condenação de Hytalo Santos por exploração sexual infantil. No vídeo em questão, Kamylinha, com apenas dezesseis anos, aparece com roupas curtas e, em seu movimento de dança, insinua posições que podem ser interpretadas como sugestivas. Há a mobilização de dois modos nesse caso: o *modo pictórico*, por meio da aparência física de Kamylinha, com roupas de ginástica e determinadas poses corporais, e o *modo sonoro*, por meio da música de fundo, um *funk* com batidas marcadas e letra que diz “Devagarinho, devagarinho, devagarinho, devagarinho / Desce novinha, com a mão no joelhinho” e “Eu vou convocar as novinhas bem assim / Pra fazer o aquecimento e sentar devagarinho”. A articulação desses recursos multimodais contribui para a ativação de características socialmente vinculadas ao universo adulto, produzindo um efeito de adultização.

Isso acaba dando margens a comentários maliciosos de adultos, como este: “Alguém sabe onde tem Conteúdo +18 dela?”. Vale observar que, apesar de a

⁹ Disponível em: <https://k.kwai.com/p/6PuxCwHy>. Acesso em: Jun.2026.

menina ter menos de 18 anos, o que se pede é um “conteúdo +18”, ou seja, um conteúdo de caráter sexual. A partir disso, podemos inferir a seguinte metáfora: CRIANÇA É MULHER SEXUALIZADA. Nesse sentido, a criança é objeto de desejo adulto, onde o universo adulto é projetado sobre o universo infantil. O *domínio-fonte* é ativado pela expressão “Conteúdo +18” que se refere ao universo da sexualidade adulta e do consumo de material erótico. E o *domínio-alvo* criança é ativado pela expressão “ela” demonstrando a figura infantil. A partir disso, podemos traçar o seguinte mapeamento:

Quadro 1 - Mapeamento de CRIANÇA É MULHER SEXUALIZADA

Domínio-fonte	Domínio-Alvo
Mulher sexualizada	Criança na internet
Sexualidade adulta	Corpo e imagem da criança
desejo sexual	Interação com a Criança
Consumo de conteúdo erótico	Visualização da Criança

Fonte: própria autora

Outro comentário é o seguinte: “Eu achava que ela era uma anã”. Nanismo é uma condição física que faz com que adultos tenham a estatura baixa, assemelhando-se à altura de uma criança. Nesse caso, dizer que Kamylinha é uma anã equivale a dizer que ela é um adulto de estatura baixa. Assim, a metáfora conceitual pode ser CRIANÇA É ANÃO, onde o *domínio-fonte* é anão e o *domínio-alvo* é criança. O seguinte mapeamento pode ser traçado a partir dessa metáfora:

Quadro 2 - Mapeamento de CRIANÇA É ANÃO

Domínio-fonte	Domínio-Alvo
Anão	Criança
Adulto de baixa estatura	Estatura baixa
Comportamentos e aparência maduros	Comportamentos e aparência infantis

Fonte: própria autora

Figura 7 - Comentários sobre Mc Melody (10 anos)

Fonte: *TikTok*¹⁰

Nesse exemplo, temos a imagem de um vídeo curto da MC Melody, disponível na plataforma digital *TikTok*. Para contextualizar, é importante destacar que Melody é hoje uma cantora e influenciadora brasileira, conhecida por sua carreira iniciada ainda na infância e por sua presença constante nas redes sociais. A situação dessa adolescente gerou bastante debates públicos sobre a forma como sua imagem é construída e percebida. No vídeo, aparece a evolução da menina ao longo dos anos, até chegar a sua idade atual. A mobilização de dois modos é evidente: o *modo pictórico*, por meio da aparência física de Melody, com roupas chamativas e poses corporais que remetem a um estilo adulto; o *modo verbal*, por meio da indicação “2017 (10 anos)”, mostrando sua idade à época; e o *modo sonoro*, por meio da música de fundo “Desliza”, de Léo Santana, com letra que diz “Eu fico louco com esse teu corpo todo / com essa boquinha brincando com o canudinho tomando água de coco [...]”. A articulação desses recursos multimodais contribui para a ativação de características socialmente vinculadas ao universo adulto, produzindo um efeito de adultização da infância.

¹⁰ Disponível em: <https://vt.tiktok.com/ZSQa7QVqy/>. Acesso em: Jun.2026.

É importante destacar comentários de internautas que discutem sua maturidade e interpretam sua postura como precoce, dizendo “Ela é muito avançada p idade dela” e “A menina nunca foi Criança”. No primeiro comentário, podemos identificar a metáfora conceptual CRIANÇA É AVANÇADA. Nesse caso, o desenvolvimento infantil é associado a uma jornada, onde o crescimento seria o percurso. Assim, temos como *domínio-fonte* avançada, construído a partir do modo verbal como na indicação “2017 (10 anos)” e nos comentários que situam a idade da artista em diferentes momentos e o *domínio-alvo* criança a partir do modo imagético que mostra Melody em diferentes fases de sua vida, desde a infância até a adolescência.

Quadro 3 - Mapeamento de CRIANÇA É AVANÇADA

Domínio-Fonte	Domínio-Alvo
Avançada	Criança
Avançar no caminho	Amadurecer
Estar à frente	Ser mais madura
Pular etapas	Demonstrar comportamentos adultos
Percurso	Crescimento infantil

Fonte: própria autora.

No outro comentário, identificamos a metáfora conceptual CRIANÇA É ADULTO. Essa fala reforça que a criança passa a assumir responsabilidades adultas que provocam um afastamento da infância. Nesse caso podemos analisar que o *domínio-fonte* “adulto” reforça elementos como sexualidade, autonomia, responsabilidade, consumo de conteúdo erótico. E o *domínio-alvo* “criança” passa a ser vista como se tivesse atributos adultos: corpo sexualizado, comportamento adulto, exposição pública como objeto de desejo.

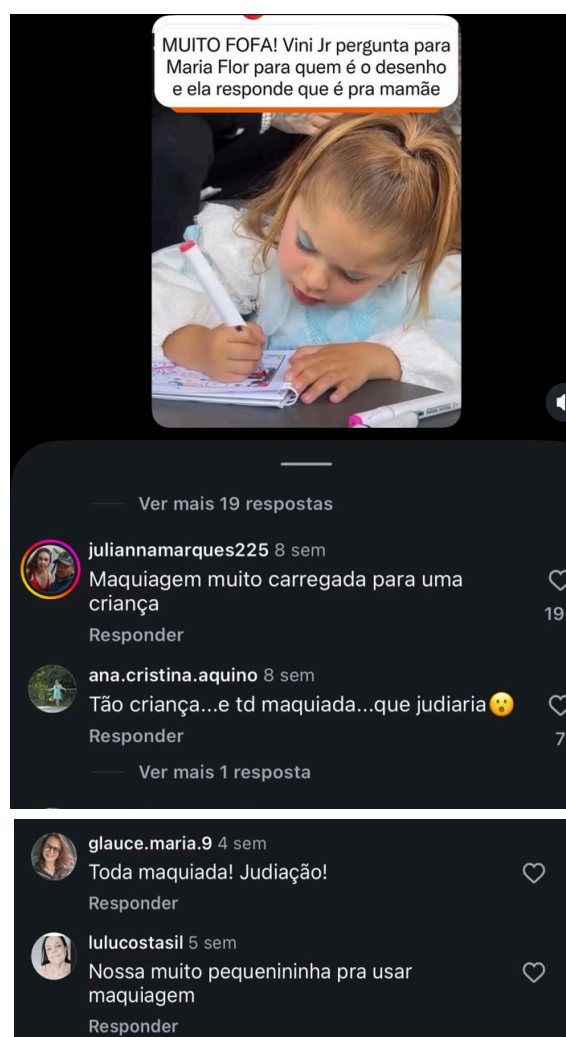
Quadro 4 - Mapeamento de CRIANÇA É ADULTO

Domínio-fonte	Domínio-Alvo
Adulto	Criança

Maturidade	comportamento da criança
Aparência adulta	aparência da criança
responsabilidades adultas	condutas da criança

Fonte: própria autora.

Figura 8 - Comentário em vídeo da Maria Flor colorindo (2 anos)



Fonte: Instagram¹¹

A imagem acima refere-se a um vídeo curto envolvendo a menina Maria Flor, então com dois anos. Ela e sua irmã são frequentemente divulgadas nas redes sociais por sua mãe, Virginia Fonseca, influenciadora digital e empresária, uma das personalidades mais populares das redes sociais no país. Existem inclusive pessoas que se tornaram verdadeiras admiradoras das crianças, apelidando-as carinhosamente de “Floflô” (Maria Flor) e “Fifi” (Maria Alice). Virgínia e seu

¹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DWwPFQnjvac/>. Acesso em: jun.2026.

ex-marido, o cantor José Felipe, já foram criticados pela exposição frequente da imagem das crianças nas plataformas digitais. No vídeo em questão, há uma integração do *modo gestual*, por meio da criança colorindo, e do *modo pictórico*, por meio da aparência de Maria Flor com maquiagem.

No comentário “Maquiagem muito carregada para uma criança”, observa-se que o comentário critica justamente o exagero da maquiagem na menina, projetando um contraste nessa fase da vida entre o ser inocente e usar maquiagem, pois a ação de usar maquiagem é mais associada ao universo feminino adulto e o seguimento de padrões de beleza. Com isso em mente, podemos inferir a metáfora CRIANÇA É SER INOCENTE. O *domínio-fonte* é “ser inocente”, caracterizado por elementos infantis, como não usar maquiagem elaborada, não ter vaidade de mulher. E o *domínio-alvo* “criança” gera uma percepção de pureza e idealização. Assim, o seguinte mapeamento pode ser traçado:

Quadro 5 - CRIANÇA É SER INOCENTE

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Ser inocente	Criança
Não usa maquiagem elaborada	Aparência da criança
Não tem vaidade	Comportamento da criança
Pureza	Imagem da criança
Não possui maturidade	Aparência infantil

Fonte: própria autora.

Já em “Nossa, muito pequenina pra usar maquiagem”, identifica-se a metáfora IDADE É TAMANHO. O *domínio-fonte* é o “tamanho”, e o *domínio-alvo* é a “idade”. Sendo assim, “pequena” não se refere apenas à estatura, mas ao estágio inicial da vida, o qual não condiz com usar maquiagem.

Quadro 6 - Mapeamento de IDADE É TAMANHO

Domínio-fonte	Domínio-alvo
----------------------	---------------------

Tamanho	Idade
Pequena	Muito nova
Crescimento físico	Desenvolvimento etário
Pouca altura	Pouca maturidade
Fragilidade	Dependência infantil

Fonte: própria autora

Figura 9 - Comentário no vídeo da Maria Flor (2 anos)



Fonte: Instagram¹²

Aqui temos outro vídeo da filha da influenciadora Virgínia, Maria Flor, também com dois anos. No vídeo em questão, ela parece curiosa para ver o celular do pai, atitude associada ao comportamento adulto, geralmente da esposa, de vigiar o que a outra pessoa faz nas redes sociais. Os *modos gestual e pictórico* ficam em evidência por meio da forma como a criança corre e arregala os olhos para ver o celular. O comentário “Tá parecendo uma senhora” ativa a possível metáfora CRIANÇA É SENHORA. Temos então o *domínio-fonte* “senhora” e o *domínio-alvo* “criança”. A palavra “senhora” é usualmente associada a mulheres casadas ou a pessoas idosas, em sinal de respeito. Nesse sentido, a criança é interpretada a

¹² Disponível em: https://www.instagram.com/p/DBq_SxZR0fc/?igsh=MTM1NzZ6ZTd4bjc3cA. Acesso em: jun.2026.

partir de referências pertencentes ao universo idoso. Dessa forma, o comentário evidencia um processo de adultização ao atribuir à criança uma imagem incompatível com os padrões associados à infância. A partir disso, temos o seguinte mapeamento:

Quadro 7 - Mapeamento de CRIANÇA É SENHORA

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Senhora	Criança
aparência madura	aparência infantil
comportamento adulto	visual da criança
vigiar o outro	brincar
responsabilidade	despreocupação

Fonte: própria autora.

Figura 10 - Comentário no vídeo da Virgínia e suas filhas



Fonte: Instagram¹³

Outra vez temos a Virgínia e suas filhas. Nesse vídeo, as meninas e a mãe dançam uma *trend* do TikTok. O *modo pictórico*, com a imagem das meninas, e o

¹³ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DLducsVMZBF/?igsh=cDZobHZ1eW1lZ2Vk>. Acesso em: Jun.2026.

modo sonoro, com a música da *trend*, predominam. Chama atenção o comentário “As mini blogueiras mais lindas desse mundo”, no qual o uso do termo “mini blogueiras” preserva a referência à infância por meio do adjetivo “mini”, mas atribui às crianças um papel social no ambiente digital e ao mundo adulto. Assim, podemos deduzir a metáfora CRIANÇA É BLOGUEIRA, sendo o *domínio-fonte* “blogueira” e o *domínio-alvo* “criança”. Nesse caso, características do mundo das influenciadoras digitais, como visibilidade pública, gestão da própria imagem e produção de conteúdo, são transferidos do *domínio-fonte* “blogueira” para o *domínio-alvo* “criança”. Isso contribui para a representação das crianças a partir de categorias sociais que extrapolam os papéis vinculados à infância:

Quadro 8 - Mapeamento de CRIANÇA É BLOGUEIRA

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Blogueira	Criança
produção de conteúdo	atividades da criança
gestão da própria imagem	aparência das crianças
popularidade online	presença das crianças nas redes
seguidores e engajamento	reconhecimento da criança

Fonte: própria autora.

Figura 11 - Comentário no vídeo de Maria Júlia (6 anos)



Fonte: TikTok¹⁴

Esta imagem apresenta o vídeo da menina Luísa Mendonça, publicado no perfil de sua mãe Maria Júlia Mendonça na plataforma *TikTok*. É importante destacar que Luísa também conhecida como Lulu, aos 3 anos conquistou a internet com sua espontaneidade e carisma, agora com apenas seis anos, conhecida por seus conteúdos voltados ao entretenimento e pela divulgação de suas habilidades associadas à superdotação. Sua presença nas redes sociais têm atraído a atenção de milhares de seguidores. Na imagem, Luísa aparece falando sobre o salto alto que ela gostaria de comprar, objeto de consumo próprio de mulheres adultas. Há a mobilização de diferentes modos semióticos nesse caso: o *modo pictórico*, por meio de sua aparência, expressões faciais e vestimentas; o *modo sonoro*, por meio da fala da menina; e o modo verbal (frase “parece gente grande falando”). A articulação desses recursos multimodais contribui para a construção de uma imagem pública da criança, evidenciando como as redes sociais participam da produção de sentidos sobre a infância, o talento infantil e a visibilidade de crianças no ambiente digital.

¹⁴ Disponível em: <https://vt.tiktok.com/ZSQQpVqGB/>. Acesso em: jun.2026.

Nos comentários selecionados, observa-se a recorrência de expressões como “jeito de adulta”, “gente grande” e “adulta mirim”, atribuindo à criança traços de maturidade, aparência desenvolvida e comportamentos considerados típicos de pessoas mais velhas, inclusive a linguagem “fala melhor que muitos adultos”. O comentário “Meu deus parece gente grande e linda”, permite identificar a metáfora CRIANÇA É GENTE GRANDE, na qual o *domínio-alvo* é “criança” e o *domínio-fonte* é “gente grande”. Essa metáfora promove uma reconfiguração da percepção da infância, fazendo com que a criança seja interpretada a partir de parâmetros próprios da vida adulta. Desse modo, os comentários contribuem para a construção discursiva da adultização, uma vez que enfatizam atributos do universo adulto a uma criança. Assim, podemos fazer o seguinte mapeamento:

Quadro 9 - Mapeamento de CRIANÇA É GENTE GRANDE

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Gente grande	Criança
maturidade	inocência
desenvolvimento psicológico e de fala completos	desenvolvimento psicológico e de fala incompletos
beleza adulta	beleza da criança
características de adultos	características da criança

Fonte: própria autora.

O outro comentário, “Quantos anos essa adulta mirim tem? Fala melhor que muitos adultos”, foca na linguagem empregada pela menina, associando-a a uma linguagem própria e até melhor que a linguagem de adultos. Ele permite evidenciar a metáfora CRIANÇA É ADULTA MIRIM, em que o *domínio-alvo* é “criança” e o *domínio-fonte* é “adulta mirim”. Adulto mirim é uma expressão popular geralmente associada a uma pessoa com estatura baixa mas comportamentos de adulto, ou seja, uma criança adultizada. Nesse viés, temos o seguinte mapeamento:

Quadro 10 - Mapeamento de CRIANÇA É ADULTA MIRIM

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Adulta mirim	Criança
maturidade	infantilidade
linguagem de adulta	linguagem infantil
bom vocabulário e boa dicção	vocabulário e dicção pouco desenvolvidos

Fonte: própria autora.

Figura 12 - Comentário no vídeo de Hariel (2 anos)

Fonte: TikTok¹⁵

Hariel é uma criança que exerce influência, embora não seja uma figura pública ou famosa que aparece em *trends* no TikTok exposto no perfil de sua mãe, essa criança é um exemplo de como a infância e o ambiente digital se cruzam de forma intensa. Hariel simboliza uma tendência atual: perfis familiares que viralizam ao mostrar crianças em situações engraçadas ou fofas. No vídeo em questão, são mobilizados os *modos pictórico* (imagem da criança), *sonoro* (música de fundo - “20 namoradas”, de Mc Talibã) e *verbal* (frase “segurem a filha de vcs pq meu filho tá crescendo”). Juntos, esses modos permitem evidenciar uma adultização da criança e até mesmo uma erotização precoce ao ver dizer “segurem a filha de vcs”.

Ao analisarmos o comentário “Ai que homenzinho mais lindo”, identificamos a metáfora conceptual MENINO É HOMEM. Os termos envolvidos na metáfora são “homem”, que constitui o *domínio-fonte*, e “menino”, que corresponde ao

¹⁵ Disponível em: <https://vt.tiktok.com/ZSQDpWeXm/>. Acesso em: jun.2026.

domínio-alvo. Conforme o modelo de análise proposto por Sperandio (2015), são projetados do domínio-fonte para o domínio-alvo traços como masculinidade, maturidade, postura e características associadas ao universo masculino adulto. O emprego do termo “homenzinho” demonstra que a criança é interpretada a partir de atributos pertencentes à fase adulta da vida, contribuindo para um processo de adultização no qual a identidade infantil é compreendida por meio de categorias cognitivas associadas ao homem adulto. Dessa forma, podemos traçar o seguinte mapeamento:

Quadro 11 - Mapeamento de MENINO É HOMEM

Domínio-fonte	Domínio-alvo
Homem	Menino
masculinidade adulta	identidade do menino
aparência de homem	aparência de criança
roupa de adulto	roupas infantis
sexualidade desenvolvida	sexualidade em desenvolvimento

Fonte: própria autora.

A análise desses comentários permitiu evidenciar que a adultização infantil nas redes sociais se constrói por meio de metáforas conceptuais que projetam características do mundo adulto sobre crianças. Essas metáforas revelam processos cognitivos nos quais atributos como maturidade, autonomia, sexualidade, responsabilidade, visibilidade pública e competência comunicativa são utilizados para interpretar comportamentos, aparências e práticas infantis. Sendo assim, a infância passa a ser compreendida a partir de referências que não são próprias, produzindo representações que reduzem características associadas à fase infantil. Podemos ver que os resultados evidenciam que a construção desses sentidos é potencializada pela articulação de diferentes modos semióticos presentes nos conteúdos digitais. Portanto, conclui-se que as metáforas identificadas desempenham um papel fundamental na forma como a infância é percebida e representada.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar como o adultismo se manifesta por meio de metáforas conceituais presentes em comentários publicados em imagens de vídeos curtos de crianças nas redes sociais. Para isso, foram mobilizados os pressupostos da Linguística Cognitiva, especialmente os estudos sobre metáfora conceptual e metáfora multimodal desenvolvidos por Lakoff e Johnson (1999), Ferrari (2011), Sperandio e Assunção (2011) e Sperandio (2014, 2015, 2020), articulados às discussões sobre infância, adultização e exposição infantil no ambiente digital.

A partir da análise realizada nos comentários, foi possível identificar a recorrência de metáforas como CRIANÇA É ADULTO, CRIANÇA É MULHER SEXUALIZADA, CRIANÇA É GENTE GRANDE, CRIANÇA É SENHORA, CRIANÇA É BLOGUEIRA e MENINO É HOMEM. Essas metáforas revelam processos cognitivos que interpretam crianças a partir de referenciais pertencentes ao mundo adulto, atribuindo-lhes características como maturidade, sexualidade, autonomia, responsabilidade e visibilidade pública. Dessa forma, os comentários analisados revelam que a adultização infantil não se manifesta apenas por meio de comportamentos ou práticas sociais, mas também através da linguagem utilizada para representar as crianças.

Por fim, a construção desses sentidos não ocorre apenas por meio da linguagem verbal, mas também pela articulação de diferentes modos semióticos, como imagens, músicas, gestos e comentários escritos. Essa multimodalidade intensifica os efeitos de sentido produzidos e contribui para a adultização infantil na mídia digital. Diante disso, é fundamental ampliar as discussões sobre o papel das mídias digitais acerca da infância, bem como fortalecer ações educativas voltadas para o letramento digital de crianças, famílias e educadores. Torna necessária a continuidade de políticas públicas e mecanismos de proteção que assegurem os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente e na legislação voltada à proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais.

7 REFERÊNCIAS

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias Eletrônicas**: após a morte da infância. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis, 2006.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. ano 1990, Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB> . Acesso em: mar. 2026.

BRASIL. Lei nº 15.211, de 17 de setembro de 2025. Dispõe sobre a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais (Estatuto Digital da Criança e do Adolescente). Brasília, DF: Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação, 2025.

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. Introdução à linguística cognitiva. **Matraga**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ, Rio de Janeiro, v. 16, n. 24, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://share.google/VWWQrrwdH6BnKq6Z8> . Acesso em: jun.2026.

FERRARI, Lilian. **O que é linguística cognitiva?**. São Paulo: Contexto, 2011.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

MARTINS, Renata Soares. Entre curtidas no Instagram: a exposição de crianças nas redes sociais e suas possíveis consequências ao desenvolvimento infantil. 2019. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFAM_d27d280372d904b6f7a47716ad9e0c28 . Acesso em: jun.2026.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

PRESTES, Liliane Madruga; FELIPE, Jane. Entre smartphones e tablets: pedofilia, pedofilização e erotização infantil na internet. **Pesquisa em Foco**, São Luís, v. 20, n. 2, p. 4–20, 2015. ISSN 2176-0136. Disponível em: https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/1009 . Acesso em: mai.2026.

SAMPAIO, Evillyn Oliveira; CARVALHO, Matheus Alefe Tenório; NASCIMENTO, Vanessa Gomes do; FERREIRA, Josivete Maria do Nascimento. Influência das mídias sociais no processo de erotização infantil: fator determinante para um processo precoce da adultização? **Revista Eletrônica Estácio Recife**, Recife, v. 8, n. 1, ago. 2022. Disponível em: <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/665> . Acesso em: jun.2026.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da Segunda Modernidade**. 2003. Disponível em:

<http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmiento.pdf> . Acesso em: jun.2026.

SPERANDIO, Natália Elvira; ASSUNÇÃO, Antônio Luiz. Pensando a metáfora por um viés cognitivo. **Revista ReVeLe**, n. 3, ago. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revele/article/view/11262> . Acesso em: jun.2026.

SPERANDIO, Natália Elvira. A multimodalidade no processo metafórico: uma análise da construção das metáforas multimodais. **ANTARES**, v. 7, n.14, jul/dez 2015. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/3826/2182> . Acesso em: jun.2026.

SPERANDIO, Natália Elvira. Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas. 2014. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras. Universidade Federal de Minas Gerais - Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/server/api/core/bitstreams/2a5c8cfd-ad92-4ebe-b8e5-9002e7ad23d3/content> . Acesso em: jun.2026.

SPERANDIO, Natália Elvira. O verbal e o imagético na construção das metáforas multimodais. **Cadernos de Letras da UFF** – Dossiê: Palavra e imagem no 44, p. 295-306, 2012. Disponível em: <https://sl1nk.com/287rbzc> . Acesso em: jun.2026.

SPERANDIO, Natália Elvira. Quando a luta ocorre por meio das palavras: a construção conceitual do termo coronavírus através do domínio da guerra. **Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n.69, p.281-298, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44306> . Acesso em: mai.2026.

WEBER, Tiziana Brenner B.; FRANCISCO-MAFFEZZOLLI, Eliane Cristine. **Mídia, Consumo e a Adultização de Crianças: Uma Reflexão Macrossocial**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Curitiba - PR – 26 a 28/05/2016. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2016/resumos/R50-0535-1.pdf> . Acesso em: jun.2026.

YOUTUBE. Adultização. Felca. 7 ago. 2025. Disponível em: <https://youtu.be/FpsCzFGL1LE> . Acesso em: mar. 2026.